

Revisión

A importância do amor na prática clínica de Binswanger

MYRIAM MOREIRA PROTASIO, ANA MARÍA LÓPEZ CALVO DE FEIJOO, VICTOR PORTAVALES SILVA, PAULO VICTOR RODRIGUES DA COSTA, MARCELLO FURST DE FREITAS ACCETTA

MYRIAM MOREIRA PROTASIO
Doctora en Psicología
Instituto de Psicologia
Fenomenológico-Existencial
do Rio de Janeiro (IFEN).
Pesquisadora em Laboratório de
Fenomenologia e Estudos
em Psicologia Existencial da
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro (LAFEPE-UERJ).
Rio de Janeiro, R.F. do Brasil.

ANA MARÍA LÓPEZ CALVO DE FEIJOO
Doctora en Psicología
Instituto de Psicologia da
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro (UERJ).
Rio de Janeiro, R.F. do Brasil.

VICTOR PORTAVALES SILVA
Magíster en Psicología
Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Social,
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro (PPGPS, UERJ).
Rio de Janeiro, R.F. do Brasil.

PAULO VICTOR RODRIGUES DA COSTA
Doctor en Psicología
Instituto de Psicologia da
Universidade do Estado do Rio
de Janeiro (UERJ).
Rio de Janeiro, R.F. do Brasil.

MARCELLO FURST DE FREITAS ACCETTA
Magíster en Psicología
Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Social,
Universidade do Estado do
Rio de Janeiro (PPGPS, UERJ).
Rio de Janeiro, R.F. do Brasil.

FECHA DE RECEPCIÓN: 27/04/2021
FECHA DE ACEPTACIÓN: 11/06/2021

CORRESPONDENCIA
Dra. Myriam Moreira Protasio.
Rua Joaquim Nabuco, 238/501,
Ipanema, CEP 22-080-060,
Rio de Janeiro, Brasil;
myprotasio@yahoo.com.br

Objetivo: o presente artigo tem como objetivo refletir, por meio de um estudo teórico, acerca do modo como a tonalidade do amor se faz presente na clínica psiquiátrica de Ludwig Binswanger. O texto, de início, apresenta a forma como o pensamento romântico e a atmosfera filosófica da primeira metade do século XX buscam de algum modo centralizar a questão afetiva, em detrimento da ênfase exclusiva na razão – imposta pelo movimento iluminista. Tal guinada filosófica parece sustentar o empreendimento binswangeriano na forma como o psiquiatra suíço prioriza a tonalidade do amor naquilo que se refere à sua capacidade de cura. Demonstra-se a partir da análise de três casos —Ellen West, Ilse e Suzanne Urban— o modo como Binswanger desdobra o tema do amor, bem como suas consequências terapêuticas. A partir de tal apontamento observamos que, ao tematizar o amor, Binswanger permanece com algumas lacunas em sua ação terapêutica e nas consequências de suas ações. **Conclusões:** o artigo conclui que a relação de Binswanger com o tema do amor se insere na tentativa de que o paciente acolha e aceite o outro enquanto dimensão de radical alteridade, e isto na sua relação com a retomada da vida comunitária. É isso que constitui o *telos* psicoterápico de Binswanger.

Palabras clave: Ludwig Binswanger – Cura – Daseinsanálise – Psicoterapia.

The Importance of Love in Binswanger's Clinical Practice

Objetivo: this article aims to reflect, through a theoretical study, on the way in which the tonality of love is present in the psychiatric clinic of Ludwig Binswanger. The text, at first, presents the way in which romantic thought and the philosophical atmosphere of the first half of the 20th century seek in some way to centralize the affective question, to the detriment of the exclusive emphasis on Reason - imposed by the Enlightenment movement. Such a philosophical shift seems to support the Binswangerian enterprise in the way that the Swiss psychiatrist prioritizes the tonality of love in terms of its healing capacity. From the analysis of three cases —Ellen West, Ilse and Suzanne Urban— it is demonstrated how Binswanger unfolds the theme of love, as well as its therapeutic consequences. From this point of view, it is indicated that, in the theme of love, Binswanger remains with some gaps in the way of his therapeutic action and in the consequences of his actions. **Conclusions:** the article concludes that Binswanger's relationship with the theme of love is part of the patient's attempt to welcome and accept the other as a dimension of radical otherness and this in his relationship with the resumption of community life. This constitutes the *telos* of Binswanger's psychotherapy.

Keywords: Ludwig Binswanger – Healing – Dasein Analysis – Psychotherapy.

Introdução

Ludwig Binswanger (1881-1966) defendeu a tese de que o despertar do amor em uma perspectiva comunitária é o caminho da cura em qualquer processo psicoterápico. Ele argumenta que se o amor nesse modo mais amplo surgir no decorrer da psicoterapia, ocorrerá também a cura. Ao contrário, se esse afeto não aparecer, a cura ficará comprometida. Identificamos essas duas situações, ou seja, a irrupção do amor e a restrição desse afeto, em três estudos de casos emblemáticos que Binswanger apresentou em seu livro intitulado *Schizophrenie* [8]. Trata-se de Ellen West, que foi um processo psicoterapêutico malogrado; Ilse, que de modo inverso conquistou a cura de seus conflitos psicológicos pela irrupção de seu amor comunitário; e, por fim, Suzanne Urban que adoeceu por se encontrar em uma restrição amorosa com sua família.

A questão que se impõe é de como Binswanger chega a tal conclusão. Sabemos que o momento histórico em que o médico desenvolvia seu projeto de psiquiatria estava totalmente atravessado pelo movimento romântico, marcado por uma extrema valorização dos afetos e das relações amorosas. O Romantismo opunha-se radicalmente ao Iluminismo, com relação à valorização da razão e do logicismo. Por outro lado, sabemos também que Binswanger encantou-se com os estudos de Husserl sobre fenomenologia. Ele chegou a estruturar um modo específico de pensar os transtornos mentais pela forma como as pessoas transtornadas experimentavam o tempo e o espaço.

Nos seus trabalhos, Binswanger deixa claro que era tomado por um mal-estar frente ao modo como a psiquiatria científica lidava com as doenças psíquicas em seu tempo. Ele sempre procurou sair dessa situação pelos seus estudos de filosofia e pelo seu envolvimento com a literatura e a poesia. Daí surge uma outra questão: estaria Binswanger, no desenvolvimento de suas teses, afinado às elaborações de Max Scheler sobre amor e

ódio? Sabemos que nos escritos deste filósofo há uma ruptura com o modelo ético desenvolvido por Kant, que postula as categorias *a priori* e, portanto, universais que balizariam também o comportamento humano. Scheler [26] chama a atenção para a experiência de amor e ódio que não podem ser apreendidos pelos imperativos categóricos. E, ainda, para Scheler, o amor é o afeto pelo qual acontece a abertura de mundo. Estaria Binswanger elaborando uma proposta afinada com Scheler com vistas a uma fenomenologia do amor? Segundo Schuback e Moraes [27], Binswanger vai ao encontro das ideias de Scheler ao defender que o ódio e o amor são aberturas mais originárias do que qualquer ato cognitivo.

Binswanger apresentou em 1947, na Suíça, em um Congresso que versava sobre psicoterapia, uma palestra intitulada *Possibilidade e realidade da ação psicoterapêutica* em que ele, em linhas gerais, defende a importância da relação de confiança e de amor na relação psicoterapêutica. Em termos gerais, para Binswanger [7] a presença do amor —seja na relação psicoterapêutica, seja naquele que, por força de uma existência inautêntica, o amor estivesse ausente— é o que cura, na medida em que esse afeto pode salvar.

O objetivo desta investigação, sobre a relevância do amor na psicoterapia tal como posicionada por Binswanger, é buscar em três de suas situações clínicas publicadas em *Schizophrenie*: Ellen West, Ilse, e Suzanne Urban, como ele destaca a presença do amor como elemento de cura em suas pacientes, bem como a sua ausência como elemento que impede que a pessoa alcance o cumprimento do sentido de sua vida.

Para poder compreender os elementos presentes na compreensão do binômio amor e cura, vamos buscar aquilo que no momento que Binswanger desenvolvia suas teses permeava o arcabouço filosófico em uma reação ao domínio do logicismo. Assim, mostraremos a seguir a possibilidade de um

atravessamento romântico, bem como de uma fenomenologia do amor, nas teses do psiquiatra sobre psicoterapia.

A valorização dos afetos como legado do Movimento Romântico

O movimento do Iluminismo, que se levanta no período do século XVIII —Século das Luzes— em que prepondera uma forte ênfase no racionalismo, propõe formulações do poder exemplar da razão que se impõe como cogito cartesiano em e para o indivíduo humano. Nessa perspectiva emergem as noções de equilíbrio, verdade lógica e uma ideia de cosmo em uma harmonia universal que pode ser alcançada por equações lógico-matemáticas. Tal modo iluminista de pensamento desenvolve a noção de que o sujeito, em sua individualidade, tem sua relevância na medida em que é um ser dotado de razão e bom senso, cuja importância está toda ligada à possibilidade de encontrar a verdade por meio do exercício racional. O solipsismo do sujeito cartesiano —ao qual o projeto iluminista deve suas bases— insere uma radical dicotomia entre indivíduo e mundo, e indica que tal sujeito isolado só possui peso ontológico na mesma medida em que se confunde como atividade racional, tal como o lema cartesiano penso, logo existo, não deixa de indicar. A partir dessa dicotomia, o movimento do Romantismo surge em uma oposição direta ao Iluminismo, erguendo-se em uma recusa radical à cosmovisão racionalista e ao classicismo estético, predominante na França e que se espalhou por toda Europa.

O Romantismo, segundo Guinsburg [11], não só inverte a tese prevalecente no século XVIII, como a inverte modificando todo esse ponto de vista do racionalismo ilustrado. Neste predominam «[...] elementos como o equilíbrio e a ordem, a harmonia, a objetividade, a ponderação, a serenidade, a disciplina, o desenho sapiente, o caráter apolíneo, secular e luminoso» [11, p.262-63]. E vige a norma para a produção artística ou filosófica que se estabelece pela razão e pela lógica. O escritor clássico

tem o controle dos seus impulsos subjetivos em que ele praticamente desaparece em sua obra, e a importância de uma obra reside em sua objetividade em defesa dos valores universais.

Segundo Rosendelf e Guinsburg [22], a palavra romântico surge na França e na Inglaterra para desvalorizar aqueles que enfatizavam em sua arte o heroísmo, o fantástico e sobretudo o amor. E aos poucos esse modo de produção artística cai no gosto do povo, que começa a valorizar o tom emotivo e a consequente provocação de lágrimas oriundas dos romances. Nessa atmosfera —à revelia da ênfase universal da conquista racional— ganha foco o ego, a interioridade do sujeito e um grande interesse na descoberta do mundo psíquico e da experiência psicológica como lugar da pureza da verdade. Rousseau [23] torna-se um importante inspirador da escola romântica pela sua acentuada crítica à sociedade e à civilização, ressaltando o risco de que se perdesse a capacidade de amar, presente no homem selvagem e na criança. Por essa natureza ingênua, deveríamos protegê-los para que eles não fossem influenciados pelo mal da civilização e a capacidade de amor estivesse resguardada.

É na cadência do movimento romântico que a Psicologia encontra um campo fértil para poder, então, descrever os contornos do psiquismo autêntico. O autêntico e o puro são o lugar da verdade e da cura. O homem adulto e civilizado, no entanto, já perdeu a sua originalidade e a sua pureza e tornou-se incapaz de amar. Assim, com a descoberta da subjetividade humana e sua interioridade autêntica, o advento da clínica psicológica ganha relevância em diferentes perspectivas: psicomotricidade, humanista e behaviorista. Cada uma delas, com características próprias, vai percorrer um caminho de delineamento do psiquismo humano, mesmo que com diferentes axiomas e consequentes teses.

É na atmosfera de valorização das paixões humanas e de suas expressões em sua

máxima espontaneidade que se inicia a ideia de que é uma relação livre dos acentos da neutralidade e da razão que dá vez à irrupção daquilo que é mais original no homem. A ideia que prevalece é que o amor, como uma paixão humana verdadeira, cura. A partir desse questionamento, aberto pela tradição romântica, o campo da valorização das tonalidades e dos sentimentos como a expressão imediata da verdade, como foi visto, ganha terreno.

O amor na filosofia do século XX

A conjuntura filosófica da primeira metade do século XX se abre desde uma necessidade de resposta em relação ao predomínio e à vitória do positivismo como modo de pensamento paradigmático do século XIX. Esse século é extremamente rico e complexo no que tange aos acontecimentos que legam os mais diversos tipos de herança para o percurso histórico ocidental. Tornam-se amplamente visíveis as mais diversas conquistas e descobertas científicas, bem como a inserção dessas conquistas no cotidiano: o refinamento dos meios de transporte, iluminação noturna, o desenvolvimento do urbanismo, a consolidação da energia elétrica no âmbito público e doméstico, a possibilidade da comunicação a distância etc. Em consonância, há um numeroso surgimento de disciplinas acadêmicas de orientação positivista, o que desemboca na inegável atmosfera de apoteose do projeto científico daquele século. Curiosamente, esse triunfo do positivismo, do projeto racional e da popularização dos achados científicos dão o ensejo para uma espécie de mal-estar que acompanha a vira-da do século XIX e o início do século XX.

Tal mal-estar se configura desde uma sensação de que, por mais que o conhecimento científico tenha experimentado um patamar nunca visto, o status civilizacional, cultural e existencial de algum modo não acompanhou o mesmo nível de sofisticação. A primeira metade do século XX coleciona diversas tentativas filosóficas, antropológicas e psicológicas de dar conta desse mal-estar e do modo

como tal fenômeno estaria exatamente atrelado ao projeto racional. Algumas dessas tentativas são fundamentais para se compreender o contexto em meio ao qual surge a proposta psicoterápica de Ludwig Binswanger. Podemos enumerar alguns deles: Sigmund Freud, em 1929, publica *O mal-estar na civilização* [10], obra na qual indica que a civilização calcada exclusivamente na sublimação racional das pulsões produz, uma sociedade essencialmente descontente na medida em que reprime elementos de satisfação pessoal; Oswald Spengler [28], em 1918, publica o *Declínio do Ocidente*, texto que identifica o salto tecnológico como indicio de declínio cultural; Edmund Husserl, na década de 1930, publica *Meditações cartesianas* [14] e *Crise das ciências europeias* [13], escritos nos quais relaciona a filosofia cartesiana e o triunfo do positivismo exatamente como os elementos de crise em relação ao conhecimento; Martin Heidegger [12], em 1927, publica *Ser e tempo*, obra marcada pela tentativa de uma ontologia fenomenológico-hermenêutica avessa às construções hipotético-explicativas positivistas sobre o existir humano; Max Scheler, em 1916 [24], publica *O formalismo na ética e a ética material dos valores* (*Der Formalismus in der Ethik und die Materiale Wertethik*), escrito que marca uma ruptura com o modelo ético estritamente racional — de base kantiana — na medida em que, para Scheler, a razão deriva todo o seu conhecimento do caráter afetivo da experiência humana, trazendo repercussões para a ética. Tais autores são evidência de que a atmosfera filosófica da primeira metade do século XX, em grande parte, estava voltada para a necessidade de pensar a condição humana para além dos estritos domínios do positivismo e da razão. O projeto racional se apresenta, então, como um descaminho que revela sua fraqueza na mesma medida do seu triunfo: tal é a conjuntura histórica acenada pelos filósofos citados.

Em particular é possível identificar no pensamento de Max Scheler as senhas específicas

para a compreensão do espírito filosófico das primeiras décadas do século XX. Desta forma, acompanhar a indicação scheleriana de uma ética não racional, como está presente em *O formalismo na ética e a ética material dos valores* [24], pode ser um bom caminho de entrada ao que está em jogo posteriormente em uma lida psicoterápica aos moldes de Binswanger. Cabe lembrar que, com isso, não está sendo dito que Binswanger elabora seu modelo diretamente de Scheler, mas que este filósofo expõe uma inquietação típica da primeira metade do século passado e sugere um tipo de solução que parece afinar o discurso binswangeriano.

No livro *O Formalismo na Ética e a Ética Material dos Valores*, Scheler [24] empreende uma crítica a Kant, na medida em que esse filósofo elabora uma ética, e, portanto, essencialmente uma forma de lida com o outro oriunda da noção de imperativo categórico. O imperativo categórico é uma máxima racional que funciona como uma espécie de filtro para as ações em geral. É conhecida a afirmação de Kant de que é preciso agir «segundo uma máxima tal que possa ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal» [15, p. 52]. O que se diz com uma afirmação como essa é o fato de o ordenamento da ação moral se referir exclusivamente a um comando racional universalmente válido. A tentativa de Kant, na medida em que sua filosofia é uma voz ativa do projeto de esclarecimento e, portanto, do projeto racional, é a de encontrar um princípio organizador da ação que se oriente exatamente por esse projeto racional. A aquiescência a esse modo de ação é o caminho de entrada para o desenvolvimento humano e saída da minoridade, para Kant. Exatamente esse modelo racional regulador da conduta humana está em crise durante a primeira metade do século XX —como as duas grandes guerras não deixam de revelar—. É como se o projeto de esclarecimento fosse feito de forma emperrada: as conquistas racionais tiveram lugar, mas o regulamento racional moral, não.

Para Scheler [26], o ponto não é de alguma forma tentar resgatar o que ficou pelo caminho no projeto kantiano, mas identificar uma falha fenomenológica no imperativo categórico. Tal falha se refere ao fato de a razão não ser exclusivamente suficiente para organizar o modo como o ser humano age e valora. Para Scheler [26] a intuição é um ato emocional-cognitivo balizado fundamentalmente na experiência de amor e ódio. Valor é aquilo que cada intenção fenomenológica revela na sua lida material mesma. Em meio à experiência de amor e de ódio os valores se apresentam, mas não de forma racional. Amor e ódio fornecem as bases de todo e qualquer ato subsequente. Em particular, o amor é aquilo que promove o tipo de abertura para o mundo que afirma o ser de tudo que é, dimensionando o valor concreto de cada coisa e para cada coisa.

O amor fundamenta a abertura do espírito humano na sua lida concreta com o valor de cada ente do real. Aqui cabe um exemplo do mundo do desenho: uma das noções fundamentais do desenho é a noção de ponto de fuga. Ponto de fuga é um recurso de correta proporção de profundidade. Ao se fazer um desenho deve-se selecionar um ponto de fuga para o mesmo, fazendo desse ponto a referência para as linhas da paisagem que se quer desenhar. Esse recurso permite que cada objeto do desenho seja representado de maneira condizente com a proporção que cada objeto mesmo deve tomar na paisagem. É o mesmo com o amor.

A abertura pelo amor dimensiona concretamente a justa-medida do valor de cada ente para o indivíduo que se abre por meio dele. O amor revela o valor de cada ente. É essa revelação, por meio do amor, que permite inclusive que a razão possa fazer uso do significado do que quer que seja, já que ela deriva seus dados daquilo que já fora aberto em meio ao amor. A crítica a Kant —e uma crítica ao projeto racional, por conseguinte— se refere ao quanto o projeto da razão estabelece os critérios de ação sem considerar a

fenomenologia própria à afetividade do amor, que é o fundamento da abertura para tudo que é.

A crítica scheleriana procura, justamente, uma solução para o horizonte filosófico discutido. A tentativa é de pensar a comunidade europeia balizada na experiência comunitária do amor, superando a simples razão do imperativo categórico. O ponto é que, para Scheler, tal solução pelo amor impõe à comunidade europeia uma nova mediação com a experiência cristã, na medida em que «a cultura europeia é enraizada de maneira cristã [...] ela pretende ter educado seus filhos por quase 2000 mil anos de forma cristã» [25, p. 491]. Para ele, a falência cultural europeia — em decorrência do projeto do esclarecimento — posiciona a necessidade de se experimentar de maneira fenomenológica o amor, e isso posiciona a comunidade europeia na rota dessa raiz religiosa que precisa ser retomada, uma vez que «o *ethos* cristão não é mais o poder espiritual diretriz da Europa» [25, p. 497].

A psiquiatria de Binswanger parece acompanhar a necessidade de uma fenomenologia do amor para produzir, por meio daí, uma psicoterapia fiel ao modo como o amor dimensiona as relações em geral. Com isso, estaria Binswanger reproduzindo elementos de uma ética cristã? De que forma a noção de comunidade se associa ao amor no seu dar-se fenomenológico? O amor, na forma como Binswanger o entende, reproduz elementos dessa tentativa de reconstrução europeia? A psicoterapia tem um papel determinante nesse processo?

Em suma, é na esteira da valorização romântica da experiência individual — e do papel das emoções nesse processo —, bem como em meio ao mal-estar europeu da primeira metade do século XX, que Binswanger parece construir seu modelo psicoterápico como um processo de cura pelo amor. Justamente pelo fato de os elementos românticos de seu pensamento estarem articulados com as

conquistas fenomenológicas do início do século passado, torna-se compreensível que Binswanger tecesse consideráveis críticas à ausência da dimensão fundamental do amor nas formulações de Heidegger sobre o ser-no-mundo como cuidado.

O amor na relação psicoterapêutica

Binswanger teve, desde seus primeiros escritos, a intenção de marcar a diferença entre as formas correntes de pensar o fenômeno psicopatológico e a direção tomada por seus estudos, que introduziam, em diálogo com a tradição inaugurada por Jaspers, um novo modo de fazer psiquiatria. Em seus muitos anos de dedicação à clínica Bellevue e aos estudos da psiquiatria e psicopatologia, o psiquiatra publicou e divulgou seu modo de pensar. Sua obra tem sido dividida em várias fases, nas quais a investigação acerca da atividade clínica é sempre central: a fase psicanalítica, a husserliana, a daseinsanalítica e a fase de retorno a Husserl após a celeuma sobre, justamente, a temática do amor [1]. Podemos citar, a título de exemplo, o modo como na apresentação do caso clínico de Ilse, Binswanger [4] está interessado em estabelecer a diferença entre a sua maneira de olhar o fenômeno e outras formas de interpretação da doença pela perspectiva da psiquiatria que, segundo ele, lida com os fatos das relações humanas e da comunicação e trata com os semelhantes. Ele discorre sobre diferentes modalidades de compreensão da psiquiatria: a psiquiatria procede como o leigo, quando julga servindo-se de expressões moralizantes, ou compreende os fenômenos a partir de critérios da natureza, buscando categorias nosológicas para estabelecer seus diagnósticos; quando toma referencial médico, por seu turno, a psiquiatria sustenta-se no referencial da patologia médica e no campo de valores do que significa saúde e doença, sobre como entender o comportamento normal, atribuindo o sofrimento ou a limitação a processos internos, interessando-se por diagnosticar as causas e combater-las; o psiquiatra também pode reduzir a doença a um transtorno no organismo,

especialmente no cérebro e de acordo com a tendência científica da época.

Com relação à sua proposta, Binswanger [4] a denomina antropologia fenomenológica ou *daseinsanálise*, explicitando que ela deve ir atrás do histórico de vida e não isolar os elementos da loucura, de modo a ver nos elementos e nos temas uma totalidade. Para Binswanger, o histórico de vida é primordial, não para estabelecer uma relação causal entre os acontecimentos, mas como forma de encontrar ou buscar o modo como, desde a mais tenra idade, aquele comportamento já estava presente. Os fenômenos são, então, compreendidos como fenômenos do ser-no-mundo-para-além-do-mundo em suas formas especiais de ser-si-mesmo e de não-ser-si-mesmo, do ser-com e do ser-com-o-outro, do não-ser-com-o-outro [cfr. 4, p. 275].

As temáticas acima foram amplamente discutidas durante a sua fase baseada na fenomenologia heideggeriana, quando Binswanger publica, em 1942, a primeira edição da obra *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins* [3]. Já na introdução ele se propõe a questionar uma forma de psicologia pautada na objetificação sobre o amor. Para o psiquiatra, a psicologia, em sua época —e quiçá até hoje—, que se direciona à concepção de indivíduo e subjetividade, deve considerar que a objetividade naturalizante —que objetifica a forma de ser do ser-aí— deixa de lado a relação entre o ser-aí e o outro, o ser-com-o-outro para a conquista da simesmidade que só é possível quando se revela no ser-com.

Binswanger [4] propõe que a maneira do ser-no-mundo-para-além-do-mundo, fórmula que ele adota para descrever esse *Dasein* que vive em comunidade, depende da maneira como o terapeuta comunga com a pessoa nas suas respectivas etapas de vida; de como «simpatizamos ou podemos nos comunicar com elas» [4, p. 275]; e da harmonia possível entre «nosso mundo e o mundo deles» [4, p. 275]. O que é decisivo para estabelecer a possibilidade de comunicação

e do entendimento entre os envolvidos na psicoterapia.

Segundo Machado, Binswanger pensa o ser-no-mundo-para-além-do-mundo-na-eternidade-do-amor em um eixo que vai desde o amor até a impossibilidade de compartilhamento. E pensa o clínico como aquele que «tem como objetivo reconduzir o paciente a sair de seu mundo privado em direção a volta à comunidade» [18, p. 14]. Binswanger passa a pautar a sua prática psicoterápica, intitulada *daseinsanálise* ou antropologia fenomenológica, definindo que a função do psicoterapeuta é a de libertar o humano do fechamento em si mesmo (voltado para seus sonhos e suas inclinações privadas) para a possibilidade de participação na vida autêntica, ou seja, a vida em comunidade. O médico tem que desempenhar um papel mediador entre o doente e o mundo, o mundo compartilhado e o circundante, entre o que chama de não-si-mesmo (o doente) e o si-mesmo.

A questão que nos interessa pensar agora é se a atuação psicoterapêutica, baseada no amor e na simpatia, tal como descritos por Binswanger, recuperou a autenticidade ou a vida em comunidade dos pacientes. Para isso recorreremos ao conteúdo de alguns casos clínicos apresentados pelo psiquiatra. São eles: Ellen West, Ilse e Suzanne Urban.

Ellen West: o amor na psicoterapia e a ausência de amor no suicídio

O caso Ellen West, acompanhado por Binswanger [5] é, talvez, sua mais famosa e controversa análise de um caso clínico. O que se pode afirmar com certeza é que é a mais comentada, já que permanece até hoje nos debates da psicologia e da psiquiatria. Tantos comentários parecem advir justamente de seu caráter controverso, que gera acusações de falha de conduta [19; 21] e até mesmo homicídio [17]. Em meio aos comentários e à controvérsia, cabe observar de que modo o amor aparece como um elemento chave no desenvolvimento desse caso clínico e como está presente na existência de Ellen West.

As acusações a Binswanger giram em torno de sua possível culpa frente ao desfecho final de suicídio exposto no caso. Mas, como poderia um psiquiatra, que baseia seu tratamento na noção de amor, agir contra a vida de uma paciente? Em que consistem e em que se baseiam as acusações? Para responder a essas questões é preciso compreender o que está em jogo no caso Ellen West.

Em um breve resumo, podemos dizer que Ellen West é o nome fictício de uma paciente atendida por Binswanger em 1920, que permaneceu internada na clínica Bellevue durante alguns meses acompanhada de seu marido Karl. Ellen fora diagnosticada com esquizofrenia por uma junta médica composta por Binswanger, Eugen Bleuler e Alfred Höche, e fora liberada da clínica a pedido dela e do marido, já que se tratava de uma doença incurável, tendo cometido suicídio três dias após sua liberação. O debate sobre a culpa de Binswanger gira em torno, sobretudo, do diagnóstico, do tratamento e da liberação da clínica, o que teria facilitado a execução do suicídio de Ellen.

O desejo de encerrar a própria vida surge, em Ellen West, quando ela se depara com contingências incontornáveis em sua vida, como o envelhecimento, o ganho de peso ao se alimentar e a dificuldade em engravidar após sofrer um aborto espontâneo [5]. Ellen gostaria de ser jovem, bela, magra e mãe. Mas a vida lhe outorgava uma existência em que ela não conseguia manter seu peso, envelhecia e não conseguia ter filhos. Suas características pessoais, como o amuo e a teimosia, tornavam sua vida ainda mais difícil e sem propósito, de modo que Binswanger conclui em sua análise que o suicídio seria o único desfecho final possível para essa existência que ansiava, com tanto desejo, pela morte.

O diagnóstico de esquizofrenia, para Binswanger, está relacionado a essas características que tornam Ellen alguém irascível. Para o psiquiatra, a enfermidade de Ellen

está fundada em um distanciamento entre seu mundo próprio e o mundo compartilhado, o que a torna alguém individualizada ao extremo. Binswanger chega a comparar a esquizofrenia de Ellen West ao desespero de não querer ser si mesmo, descrito por Kierkegaard [16] na obra *Doença até a morte*, também conhecida como *Desespero Humano*. Esse desespero consistiria em uma cisão entre o que se quer e o que se pode. Ou seja, entre a vontade e a realidade. A vontade em Ellen teria tamanha força que, ao não conseguir consumir-se, desejava o fim de sua existência.

Mas, como o amor se manifestaria nesse caso particular e que papel teria no tratamento? Para Binswanger haveria em Ellen West uma falta de amor. Como discutimos anteriormente, para a filosofia do início do século XX, o amor consistiria em um modo de abertura que permite que os entes sejam ao seu modo próprio. Trata-se de uma aceitação e uma certa conformidade ao ser dos entes. Em Ellen estaria presente justamente o oposto: a inconformidade, o desejo de que as coisas não sejam como são. Nesse desejo estaria fundada uma falta de amor, uma falta de aceitação plena da existência com suas contingências e dificuldades. Frente ao ser, frente ao que é, Ellen deseja não ser, não existir. Ou seja, Ellen West estaria completamente fechada à verdadeira existência em comunidade, pois o fechamento em si mesma seria tão extremo que não restaria espaço para a manifestação do amor e do pertencimento ao mundo compartilhado.

Rogers [21], por outro lado, acusa Binswanger de não ter sido empático com Ellen West, de não ter aceitado incondicionalmente a existência dela e suas manifestações de modo que, por isso, o tratamento não pôde ser efetivo. Sendo assim, o próprio Binswanger não teria sido amoroso com Ellen. Teria lhe faltado amor e por isso o tratamento teria falhado, culminando no desfecho do suicídio. Ora, mas é justamente Binswanger o primeiro a propor o amor como

caminho para a psicoterapia. Como poderia lhe ter faltado amor? O próprio Rogers declara-se inconformado com o fato de Ellen ter cometido suicídio. Nesse sentido, a empatia e a aceitação incondicionais de Rogers não parecem tão incondicionais assim. Frente ao suicídio, resta a revolta. Para compreender em que consiste e se baseia o amor de Binswanger nesse caso, podemos citar uma frase utilizada por Heidegger em uma carta enviada a Hannah Arendt e atribuída a Santo Agostinho: *amo, volo ut sis!* – Amo, quero que sejas! Mas a ser o que? Justamente aquilo que és. Ouçamos o que diz Binswanger sobre amor e suspensão:

Em vista do fato do ser *Gestáltico* ao qual demos o nome de Ellen West “colocar um fim à própria vida”, a “Daseins-análise” tem o direito de suspender qualquer tipo de ponto de vista ou julgamento – seja de ordem ética ou religiosa, da ordem de uma explicação médico-psiquiátrica ou psicanalítica, da ordem de uma compreensão psicológica. Mesmo o olhar “aristocrático” da “compreensão saudável da vida humana” – que é lançado com comiseração ou com horror sobre cada pessoa “à qual ocorre morrer”, e, principalmente, sobre aquela que provoca sua própria morte – não tem aqui nenhuma relevância. Não cabe a nós aprovar ou reprovar o suicídio de Ellen West, não devemos bagatelizá-lo com explicações médicas ou psicanalíticas, nem dramatizá-lo com julgamentos éticos ou religiosos. Mas justamente a um ser *Gestáltico* como Ellen West se aplica este pensamento de *Jeremias Gotthelf*: “Pense em como a vida se torna escura quando um miserável ser humano deseja ser seu próprio sol” ou, mesmo, a constatação de Kierkegaard: “Tanto faz o quanto um homem afundou, ele pode afundar ainda mais, e este ‘pode’ é o objeto da angústia”. [5, p. 82].

Amar consiste, então, para Binswanger, em olhar e analisar a existência de Ellen West para além de qualquer julgamento moral. Por isso significa não se assustar ou melindrar com o desfecho final e aceitá-lo como aquilo que é, sem qualquer revolta. Porque em certas ocasiões pode ser mesmo impossível impedir uma morte, e acreditar no contrário

pode consistir em uma grande romantização sem qualquer correspondência à vida.

Ilse: amor e comunidade como cura

Não sabemos a época em que precisamente Binswanger tratou de Ilse, mas sabemos que o *Caso Ilse* foi publicado pela primeira vez em 1945, com o título *Wahnsinn als lebensgeschichtliches Phänomen und als Geisteskrankheit*, In *Monatschrift für Psychiatrie und Neurologie*, vol. 110, 1945, pp. 129-60 [8]. O caso foi, posteriormente, traduzido para o inglês em 1958 como *Insanity as Life-Historical Phenomenon and as Mental Disease: The Case of Ilse*, em *Existence – A New Dimension in Psychiatry and Psychology*, pp. 214-36), do qual temos a versão em espanhol, publicada por May, Engel e Ellenberger, datada de 1977 [20, p. 262-287].

Também na descrição deste caso clínico, Binswanger demora-se na tarefa de estabelecer a diferença entre seu modo de interpretação e outras formas de exercer a psiquiatria. O psiquiatra ressalta as suas direções de interpretação e lida com o fenômeno, reafirmando que toma como caminho de compreensão e lida com a situação clínica a via do histórico de vida, uma vez que ao falar de «histórico de vida já se está falando propriamente em historicidade; quando se fala em historicidade, já se está falando em existência» [4, p. 282]. Assim, apoiando-se na «antropologia no sentido da Daseins-análise» [4, p. 283], ele toma o histórico de vida como base para o reconhecimento da unidade humana, «só acessível ao ser humano de duas maneiras, a primeira pela via da Filosofia e do sistema filosófico e a outra pela via do amor —abrangendo na mesma medida *Eros* e *Ágape*» [4, p. 283].

Para Binswanger, a maneira do ser-no-mundo-para-além-do-mundo depende da maneira como o terapeuta comunga com a pessoa nas respectivas etapas de vida, da maneira como «simpatizamos ou podemos nos comunicar com ela, da harmonia possível

entre nosso mundo e o mundo deles» [4, p. 275], a que ele denomina empatia. Ele adverte, no entanto, que «sempre que o assunto gira em torno do sentir ou dos sentimentos, estamos tateando em neblina» [...] «pelo fato de que as fronteiras das possibilidades de intuir pela empatia são ‘puramente subjetivas’, oscilando de acordo com a capacidade de intuir pela empatia e a ‘fantasia’ de quem examina» [4, p. 275-276].

Com relação ao histórico de vida de Ilse, Binswanger mostra que o tema da moça está sempre relacionado ao pai, «uma paixão exaltada pelo pai» que convive com uma revolta enérgica contra a tirania deste [4, p. 265]. Este tema seria como uma «ferida vital» que poderia ser resolvida por uma «mudança de sentimento e de comportamentos por parte do pai, pela separação do casal ou o pelo afastamento do pai» [4, p. 265]. Isso, contudo, traz uma série de dificuldades e um novo tema aparece: o sacrifício que Ilse realiza na intenção de chamar a atenção do pai para o que ela é capaz de fazer por amor, no caso, colocar os braços dentro de um forno quente. Sobre sua queimadura, Ilse diz que queria mostrar ao pai que o amor supera a si mesmo, não com palavras, mas com atos e que agira, primeiramente, em defesa da mãe, mas em seguida pensou em fazer isso pelo pai, por pena dele. Segundo Binswanger, pelo sacrifício, Ilse queria conseguir provar ao pai o seu amor por ele. Ao colocar os braços no forno quente, Ilse acreditava poder causar a impressão desejada. «A ferida vital sangra novamente» [4, p. 265], diz Binswanger, e Ilse decide, espontaneamente, internar-se para tratamento.

Binswanger diz que, na época da internação, os delírios tinham como temática ser amada e amar de volta e Ilse se dirige a uma outra solução «altruísta» [4, p. 266] que surge sob a forma de manias eróticas em que ela, ao amar tanto seu pai, deve amar todos os homens, e manias de referência, em que Ilse mostra a necessidade de estar no centro da atenção de todos. A temática do amor expan-

de-se em direção a um precisar amar e ser amada por todos, que se tornou insanidade em Ilse, cuja cura consistiu «em sacudir-se para se livrar do precisar e em restabelecer a supremacia do *self*» [4, p. 265]. Tal cura foi alcançada quando Ilse encaminhou o tema da salvação e purificação para rumos saudáveis: o trabalho social que ela exerceu até sua morte. Vejamos como Binswanger descreve esse processo de cura a partir do histórico de vida de Ilse:

À falta de visão do sentido desse “tem que” amar e atrair a atenção é o que chamamos loucura. Sua cura consiste em aventar esse “tem que” e restabelecer o império do eu. Em nosso caso, o restabelecimento foi duradouro. Ilse continuou perfeitamente sã até sua morte, que ocorreu à idade de 73 anos. Ilse foi capaz de orientar o tema “salvação” e “purificação” por causas sãs, quer dizer, por sua consagração a obras sociais. Assessorada e supervisionada por profissionais durante algum tempo, ela trabalhou com êxito em assessoria psicológica e em alguma ocasião foi chefe de uma comunidade terapêutica na área da psicologia [4, p. 266]

Binswanger conclui, pelo histórico de vida de Ilse, que ela escolheu um caminho de cura pelo altruísmo e se pergunta se isso não se deu por motivações éticas: «a consideração pela mãe, o salvamento do pai de seu egoísmo e o tomar para si um pesado sofrimento corporal com o objetivo de alcançar metas» [4, p. 284]. Seria o trabalho social mais um movimento ético? Para Binswanger, é possível concatenar sentidos e identificar continuidade de sentidos a partir do histórico de vida, lá mesmo onde pode parecer haver apenas fragmentos ou um caos de sentidos. E mesmo que os atos possam ser interpretados como relacionados à doença, o cientista espiritual, especialista em filosofia e letras pode identificar o caráter moral criativo do ato de Ilse, assim como identificar que tal ato nasce da liberdade, perdida apenas quando da realização do ato pois, «enquanto livres, podemos também desistir de uma decisão» [4, p. 285]. O cientista espiritual está em condições de, em lugar de estabelecer uma relação de desconfiança ou de uma disputa de

ideias com a pessoa, «entrar no trabalho em conjunto produtivo» [4, p. 286] e com confiança mútua. Seria essa confiança mútua aquilo a que Binswanger se refere como amor na relação clínica?

Em *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins*, Binswanger [3] defende uma instância que seria ainda mais fundamental que o ser-com heideggeriano, o amor. No caso Ilse, a tensão aparece quando tomamos as duas direções sobre o amor ali levantadas. Por um lado, há o amor na existência de Ilse em sua relação com o pai. Seu desdobramento se dá de uma necessidade de ser amada para a disponibilidade para o serviço solidário que, a princípio, seria voz de amor ao próximo. Binswanger assinala que, ao encontrar essa via de trabalho solidário, da reinserção na comunidade, Ilse ficou completamente curada.

Suzanne Urban¹: a restrição do amor e a impossibilidade da cura

Suzanne Urban é um caso que pode ser visto posicionado entre o suposto sucesso alcançado com Ilse e o suposto fracasso de Ellen West. É, também, mais um exemplo no qual o amor é apresentado como um fator de cura e de adoecimento na obra de Binswanger e como parte do desenvolvimento de sua tese de que os delírios esquizofrênicos, como eram caracterizados em sua época, teriam como ponto de partida uma estreita relação com os afetos e, especificamente, o amor.

Suzanne Urban é referida por Binswanger [6] como um *Dasein* que sofre de um amor idólatra pela família, e por cultivar um amor hipocondríaco para com os pais e o esposo. Esse culto exagerado tem como ápice, em sua história de vida, o momento em que o esposo recebe o diagnóstico de câncer na bexiga, o qual Suzanne vivencia fortemente e, sendo assim, tomado como ponto de partida para seus delírios de perseguição.

Como ressaltado anteriormente em nossa investigação do caso Ilse, Binswanger [6] compreende que a análise do *Dasein* se dá no modo como tal se revela com o mundo exterior, ou seja, o delírio é compreendido como parte deste mundo externo e a investigação precisa se iniciar no mundo da paciente. O sofrimento, que tem como ponto de partida uma análise da preocupação com os pais desde a infância, era fruto do amor idólatra, tido como doentio pelo psiquiatra. Essa categorização da forma de amar como adoecida advém da perspectiva de que o amor idólatra, tal como desenvolvido na relação familiar por Suzanne Urban, não possui os elementos do amor essencial e constitutivo como apresentado nas *Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins*. Binswanger [6] toma como dado o desejo de Suzanne por não ter filhos e afirma que, dessa forma, não se percebe o caráter de infinitude do amor autêntico e fundante do ser-com-o-outro-para-além-do-mundo – que levaria à ideia de comunidade.

Suzanne, adoecida em seu modo de amar a família, não supera a relação essencial e constitutiva com a finitude, sendo dominada assim pelo seu tema – o encargo de salvar a família e o marido. O diagnóstico de câncer de seu marido, cena original dos episódios delirantes, é eleito como referência nas questões de Suzanne, principalmente considerando-se a interpretação da história de vida como uma busca do prolongamento da vida e um modo de adiar, pelo maior tempo possível, a morte. É importante ressaltar que Binswanger [6] frisa que não se deve compreender a cena original como a causa do adoecimento, e sim como e onde se destaca de maneira clara o tema que, para ele, no caso Suzanne Urban, seria a submissão do *Dasein* ao estado de ameaça.

O adoecimento em Suzanne Urban se dá, assim, a partir da situação do diagnóstico de câncer de seu marido, anunciado pelo médico, se desprendendo gradualmente da situação original —do mundo compartilhado— e passando para uma alienação do ambiente

¹ Ver [2] Binswanger L, *Der Fall Suzanne Urban: Studien zum Schizophrenieproblem. Ausgewählte Werke in vier Bänden*. Schweiz Arch Neurol Psychiatr. 1952; IV Studie (LXIX) p. 1-32; (LXXI) p. 57-96, p. 287.

próximo e da própria estrutura fundante do *Dasein* proposta por Binswanger: ser-com-outro. Os delírios, nos quais se manifestam um conversar consigo mesmo, retratam, para o psiquiatra, a clausura advinda da perda da confiança e da não-familiaridade do mundo. Suzanne passa a habitar um mundo em que ela não pode confiar.

Assim como a paciente Ilse que, frustrada pelo fracasso de seu sacrifício, decai para o delírio de perseguição, Suzanne Urban [6] desliza para o delírio de perseguição depois de seu culto exagerado ao marido e na separação forçada dele. Em lugar da simesmação autêntica do *Dasein* no sentido da existência, Suzanne se direciona para um *mundo do pavoroso*. Binswanger retoma de sua obra *Sonho e Existência* [9] o movimento de ascensão e queda, que trata da perda de familiaridade no movimento de queda decorrente do medo constante da morte em Suzanne Urban, distanciando-a cada vez mais do amor e, assim, da verdadeira comunidade e do mundo compartilhado. Seu mundo passa a ser dominado pelo tema do pavor, não de um fim com pavor, mas de um pavor sem fim.

Apesar de não podermos precisar a data em que Binswanger [6] desenvolveu seus encontros com Suzanne Urban, encontramos referências da publicação do caso divididas em duas partes na revista *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie*, datadas de 1952 e sua versão integral em 1957, em publicação francesa. Apesar de todo o estudo já indicar que se refere à sua fase fenomenológica e um desenvolvimento de sua fenomenologia do amor, era de se esperar – que sendo o caso Suzanne Urban o quinto caso de estudo de Binswanger sobre a esquizofrenia e sobre a aplicação de sua *daseinsanálise* às psicopatologias – que fossem mais detalhadas suas intervenções psicoterapêuticas. Entretanto, durante a descrição do caso, Binswanger [6] destina um pequeno espaço para tratar de suas próprias observações, as quais não apresentam a forma como o processo de cura

ou do reestabelecimento do amor autêntico se daria. O psiquiatra defende que a clausura e o afastamento do ser-com-outro, nas manifestações delirantes de Suzanne, se apresentam através do falar consigo mesma e, ainda, na presença de delírios persecutórios. No entanto, Binswanger [6] não desenvolve como o si-mesmo aberto se manifesta neste processo psicoterapêutico. Para Binswanger, essa abertura para a própria comunidade atenua a carga em que um determinado tema pode manifestar-se ao ser compartilhado pela fala com outro *Dasein* e cita como exemplo um amigo, sem mencionar a psicoterapia como processo.

Acreditamos que foi o curto tempo que Binswanger esteve com a paciente que o impediu de demonstrar como o amor se daria no processo de cura nesse caso. Binswanger, desde o momento em que passa a desenvolver reflexões a partir da fenomenologia, afirma que o médico é mediador entre os mundos — próprio e comum — e que curar significa entrar, com ajuda do médico, na espiritualidade da comunidade. O foco principal do caso é apresentar como se dá de forma gradual a transformação da estrutura do *Dasein* no que concerne ao afastamento do modo essencial do ser-com, e é exatamente neste percurso de transformação que se desenvolve toda a análise.

Binswanger [6] justifica que se apoia na analítica do *Dasein* desenvolvida por Heidegger e em sua tese sobre a estrutura fundamental, pois é sobre ela que se pode diagnosticar de fato, escapando das referências nosológicas de seu tempo, os sintomas esquizofrênicos. Nas palavras do psiquiatra:

Neurose e psicose não foram vistas como quadros clínico- descritivos, mas como *formas do Dasein* que se distinguem *fenomenologicamente* no caminho de certa *evolução do Dasein* e estão em um contexto essencial fenomenológico. A distinção ou particularidade fenomenológica e a “*contextura*” fenomenológica não foram difíceis de determinar e de acompanhar a partir do

esvaecimento do poder da *confiança* e do prevalecimento do poder do *medo do Dasein* e da *consequência experiencial* que lhe é própria. Se a “neurose” ainda se mostrou no excesso do bem como um *estado de ameaça* pelo medo do Dasein e como defesa contra essa ameaça, a “psicose”, o delírio, mostrou-se no sofrimento “excessivo” do mal como um *estado de submissão* a esse medo e um estado de entrega a essa submissão. [6, p.338, grifos do autor]

Tal foco de investigação descritiva não visou o resgate da familiaridade perdida e a mundanização de Suzanne no processo psicoterapêutico. O espaço perdido na comunicação, no sentido de comunidade apresentado pelo psiquiatra, se manteve mecanizado, materializado e estreito em sua significância, permanecendo o delírio de perseguição. Deste modo, além de não encontrarmos indicações de como o amor participaria do processo de cura, também não temos indicações de como o amor do terapeuta se manifestou nesta relação.

Binswanger, ao posicionar o adoecimento do amor ou a forma como Suzanne Urban amava seus familiares, evidencia que sua proposta de *daseinsanálise* não se afasta das visões subjetivistas que busca superar, pois se utiliza da história de vida da paciente identificando um tema que justificaria um modo de repetição e sintoma que dominaria a existência do *Dasein*. Percebemos que a eleição da história de vida e a posição anteriormente mencionada no caso Ellen West, de que a análise da existência deve ser feita sem qualquer julgamento moral, não foi aplicada à Suzanne Urban. A história de vida descrita se destaca por um grande foco na interioridade do sujeito e um grande interesse na descoberta do mundo psíquico que toma a experiência psicológica como lugar da verdade, como anteriormente mencionados. Um exemplo claro é o julgamento do adoecimento do amor e do culto à família ser justificado pelo não desejo de ter filhos do *Dasein* em questão. Nesse aspecto Binswanger, ao estabelecer a doença de

Suzanne Urban, assume uma posição atravessada por um julgamento moral.

Considerações finais

A tese de Binswanger que se apoia no binômio amor e cura ganha relevância no momento histórico em que aparece um mal-estar frente à ideia de que por meio de um pensamento lógico-formal, mediado pelo domínio da razão, conquistaremos a solução de todas as mazelas humanas. Podemos dizer que o Romantismo trouxe à cena a ideia de algo que poderia subjugar a consciência, trazendo à baila a ideia de um poder invisível, a que denominou inconsciência. E ainda destacou a força e o mérito das emoções humanas. Nesse momento, o sujeito racional ocupou um lugar central naquilo que diz respeito a um saber que posicionava todas as coisas. Essa situação traz um mal-estar que mobiliza alguns estudiosos a se debruçarem sobre essa questão. Seja pela filosofia, pela medicina ou pela psicoterapia houve um grande movimento para libertar o homem da submissão à ordem, à razão e à lógica determinística-causal.

Sabemos que a filosofia com Scheler, Kierkegaard, Heidegger dentre outros também se movimentaram no sentido de fazer ressurgir a força das paixões humanas, seja pela valorização do binômio amor e ódio, seja pela ênfase atribuída à fé e ao amor cristão, seja pelas tonalidades afetivas —tudo isso apontado como elementos propulsores da possibilidade de transformação do homem ou ainda de abertura a outras possibilidades—. Binswanger, sem dúvida, teve contato com os escritos desses grandes pensadores e foi afetado pelo pensamento de cada um deles. Essa afetação o mobiliza para todo o seu esforço de pensar a psicopatologia e a psicoterapia com contornos diferentes daqueles que dominavam essas duas práticas na perspectiva das ciências naturais. Binswanger quer inaugurar um outro modo de pensar a sua atuação clínica, para além de uma prática lógico-formal e, para tanto, pensa a via do despertar do amor pela sim-

patia e pela relação amorosa como elementos fundamentais para a cura de pessoas neuróticas e psicóticas. E, ainda, posiciona o fundamento desses transtornos no modo como a pessoa articula o amor, entendido como ser-no-mundo-para-além-do mundo, ou seja, transcendental e comunitário. Portanto, o amor constitui o *telos* psicoterápico na perspectiva de Binswanger.

Pelo binômio amor e cura é que analisamos os casos clínicos publicados por Binswanger: Ellen, Ilse e Suzanne. Vimos que as três mulheres que receberam o diagnóstico de esquizofrenia, por meio da psicoterapia se encaminharam para a salvação ou para a ruína, de acordo com o modo como a relação de amor irrompeu em cada uma delas. Vale ressaltar que Binswanger apresenta essas três situações com riqueza de detalhes acerca de suas histórias de vida. No entanto, não deixa claro como aconteceu a sua ação clínica, embora esclareça como a apropriação de seus modos de amar as conduziu à cura, à doença e ao suicídio.

O psiquiatra pensa um amor que não se dirige exclusivamente ao eu ou ao tu, mas a um amor

comunitário. Nisso ele parece muito mais se aproximar da valorização que se desenvolvia, em seu tempo, sobre a importância das expressões das emoções e dos afetos. Parece, ainda, que ele se encontra na esteira da tentativa de saída do mal-estar que se instaurava no povo europeu, de modo a poder recuperar a saúde desse povo para além da lógica racional dominante. Nesse modo de pensar reina a ideia de neutralidade, desdobrando-se daí as relações de indiferença. A grande virada seria, para o psiquiatra, recuperar as relações de amor em uma ordem do nós. Nessa cadência, a psicoterapia ganha destaque no processo de valorização das emoções e dos afetos, não deixando lugar para a indiferença.

Por fim, sob a máxima da psicoterapia em uma relação compreensiva, concluímos que Binswanger entende o amor como afeto compreensivo que faz aparecer a diferença e não como algo que o psicoterapeuta quer anular para homogeneizar. Ele lida com o diferente acolhendo-o amorosamente. Nesse acolhimento é que pode irromper no paciente outras formas de amar para além do amor ao próprio eu ou ao outro que ainda diz respeito ao meu eu.

Referencias

1. Basso E. A influência de Kierkegaard no pensamento de Binswanger. Moreira Protasio M, trad. Em: Lopez Calvo de Feijoo AM, Medeiros Fernandes Lessa MB, Org. Psicopatologia: Fenomenologia, literatura e hermenêutica. Rio de Janeiro: IFEN; 2016. p. 327-68
2. Binswanger L. Der Fall Suzanne Urban: Studien zum Schizophrenieproblem. Ausgewählte Werke in vier Bänden. Schweiz Arch Neurol Psychiatr. 1952;IVStudie(LXIX, LXX, LXXI).
3. Binswanger L. Grundformen und Erkenntnis menschlichen Daseins. 4ª ed. München-Basel: Ernst Reinhardt Verlag; 1964.
4. Binswanger L. La locura como fenómeno biográfico y como enfermedad mental: el caso Ilse. Em: May R, Angel E, Ellenberger HF, eds. Existencia: nueva dimensión en psiquiatria y psicología. Madrid: Gredos; 1977
5. Binswanger L. O Caso Ellen West. (Tradução do alemão de Niemeyer M). En: Binswanger L. Schizophrenie (Schizophrenia). Pfullingen: Günther Neske; 1957. p. 57-188
6. Binswanger L. O caso Suzanne Urban. Psicopatol Fenomenol Contemp. 2012;1(1):198-344; DOI: 10.37067/rpfc.v1i1.1051
7. Binswanger L. Psicoterapia e análise existencial: ensaios, conferências e outros documentos. Rio de Janeiro: Via verita; 2019.
8. Binswanger L. Schizophrenie (Schizophrenia). Pfullingen: Günther Neske; 1957.
9. Binswanger L. Sonho e existência: ensaios e conferências 1: escritos sobre fenomenologia e psicanálise. Rio de Janeiro: Via Verita; 2013.
10. Freud S. Mal-estar na civilização. Em: Obras completas, vol. 8. São Paulo: Companhia das Letras; 2011
11. Guinsburg J, org. O Romantismo. São Paulo: Perspectiva; 2008.
12. Heidegger M. Ser e tempo. Petrópolis: Vozes; 1988.

13. Husserl E. A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: Uma Introdução à Filosofia Fenomenológica. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2012.
14. Husserl E. Meditações cartesianas e Conferências de Paris. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2013.
15. Kant I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. Lisboa: Edições 70; 2011.
16. Kierkegaard SA. O desespero humano. (Doença até a morte). Rio de Janeiro: Abril Cultural; 1979.
17. Lester D. Ellen West's Suicide as a Case of Psychic Homicide. *Psychoanal Rev.* 1971;58(2): 251-63.
18. Machado PRR. Introdução. Em: Binswanger L. Psicoterapia e análise existencial: ensaios, conferências e outros documentos. Rio de Janeiro: Via Verita; 2019. p. 9-15.
19. Maltzberger JT. Case consultation. The Case of Ellen West Revisited: A Permitted Suicide. *Suicide Life Threat Behav.* 1996;26(1):89-97. PMID: 9173614
20. May R, Angel E, Ellenberger HF; eds. Existencia: nueva dimensión en psiquiatria y psicologia. Madrid: Editorial Gredos; 1977.
21. Rogers CR. Ellen West — e Solidão. Em: Rogers CR, Rosenberg RL. A Pessoa Como Centro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; 1977. p. 91-101
22. Rosenfeld A, Guinsburg J. Romantismo e Classicismo. Em: Guinsburg J, org. O Romantismo. São Paulo: Perspectiva; 2008. p. 261-74.
23. Rousseau JJ. Emílio ou da educação. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do livro; 1973
24. Scheler M. Der Formalismus in der Ethik und die Materiale Wertethik. Halle: Max Niemeyer; 1916.
25. Scheler M. Do eterno no homem. Petrópolis: Vozes; 2015.
26. Scheler M. Formalism in ethics and Non-Formal Ethics of Values: A New Attempt Toward the Foundation of an Ethical Personalism. Evanston (IL): Northwestern University Press; 1973
27. Schuback MSC, Moraes D. Amor (Liebe) Verbete do abécédaire de Martin Heidegger. *Princípios.* 2015;22(38):361-8. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5890716.pdf>
28. Spengler O. A decadência do Ocidente. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1973.